

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscribe-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondência não franqueada, não será recebida — Artigos mandados a redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 166

SEXTA-FEIRA 6 DE FEVEREIRO DE 1863

TERCEIRO ANNO

AVEIRO

## CONTRIBUIÇÃO DE REGISTO

Entre os projectos do governo ha um — o da reforma da lei de contribuição de registo. E' para lamentar, que o governo apresenta-se uma reforma tão limitada, quando tinha tanto que reformar, e que n'um paiz liberal nos estejamos servindo das leis e contribuições do absolutismo, reprovadas pelos luminosos principios da economia politica, injustas e vexatorias!

Ninguém hoje ignora, que as contribuições devem recahir sobre o rendimento, e nunca affectar o capital; mas neste caso não está a contribuição de registo, que recae sobre a propriedade já collectada! Demais é injusta, porque não é paga por todos.

Esta lei pelo que toca a transmissão por titulo oneroso veio substituir a antiga sisa, que se diz foi introduzida por el-rei D. Sancho de Castella, d'onde veio para Portugal, onde el-rei D. Affonso II tinha abolido o abuso, que havia de tirar uma terça parte das compras e vendas para el-rei, senhores das terras e officiaes da casa real, o que era uma sisa exorbitante; — mas não obstante, o mesmo tributo, o mesmo abuso passou de Castella para Portugal com o nome de — Sisa. — O mesmo agora se fez mudando o nome de Sisa (que era feio, porque vem do verbo *sisar*) para o da contribuição de registo; mas não obstante a lei crismada passa entre as — esfoladoras. — Similhante contribuição não pode justificar-se pela mais urgente necessidade do thesouro, porque ainda dado este caso, augmentem-se as contribuições, mas paguem todos — é um mal repartido por todos; mas acabe-se com um tributo, que de ordinario pesa sobre a nossa agricultura, bem digna de protecção. Similhante lei dá occasião a vexações, trabalhos e despesas dos contribuintes, obrigando-os a fazer inventarios e avaliações dos bens das heranças, muitas vezes illiquidas, e dependentes de letigios para se liquidarem, tendo por isso muitos embaraços na execução.

Os legisladores suppozeram, e bem, que haveria tal repugnancia em pagar similhante contribuição, que seria necessario intervir a auctoridade militar!

E não satisfeitos com empregar todas as auctoridades militares, civis, e até ecclesiasticas nesta fiscalisação, impõe penas excessivas aos devedores de tão odiosa contribuição! Podem dizer-nos que todo este apparato bellico, todas estas penas são impostas *ad terrorem*; mas a experiencia nos mostra, que as leis rigorosas de mais, se tornam letra morta; e são hoje inadmissiveis e sempre más; porque *dura lex, sed lex*, — e se uma auctoridade benéfica sabe modificar o seu rigor, outra mal intencionada as pode executar a risca — do que resulta não se fazer justiça igual para todos.

A lei e regulamento para a cobrança desta contribuição estabelece um processo excepcional, tumultuario confundindo e accumulando todos os

poderes nos escriptores da fazenda; revestindo-os de poderes discrecionarios de tal maneira, que é melhor responder a um conselho de guerra, do que cahir debaixo do anno do nascimento, e decreto judicial de um escripto de fazenda, que pode fazer intervir a força armada contra o pobre contribuinte!

Estes inconvenientes já foram reconhecidos e remediados a respeito da contribuição predial e industrial, cercando as attribuições destes escriptores; e no caso sujeito da-se a mesma razão, deve haver a mesma disposição — e tanto mais se attendermos, que por esta lei os escriptores não tem outro emolumento mais do que as quotas; e por isso são juizes em causa propria.

Vergonha é dizer-se, mas é certo, que a lei do absolutismo era mais bem pensada que a liberal, cujo intuito só foi ir buscar dinheiro onde elle apparecesse, sem respeitar os laços mais estreitos de parentesco, como fazia a lei anterior, que exemptava desta contribuição nas transmissões por titulo lucrativo os collateraes em graus proximos; e nesta parte não era como a actual, só uma lei de meios; mas tinha em vista um fim bom, isto é, apertar os laços de familia; e os direitos de transmissão nos graus remotos era uma pena e um meio de conseguir este fim.

A lei tambem precisa reforma na contribuição que impõe nas trocas de predio por predio sem saldo a dinheiro, (que antes nada pagavam.) Por ventura neste caso houve rigorosa transmissão? Não, houve apenas uma subrogação de propriedades; um contracto em que as partes não adquiriram mais rendimento, do que antes tinham. A lei nesta parte é muito prejudicial; por que obsta a que se façam trocas de propriedades, que deviam facilitar-se, por que são interessantissimas nas povoações ruraes; umas vezes regularizando os predios; outras conseguindo que nos fiquem mais perto; e finalmente evitando que-tões e letigios.

A pena imposta no art. 29 do regulamento (e outras) ao contribuinte, que decahe do seu recurso, é barbara.

Votamos contra as multas impostas aos litigantes, que decahem de suas demandas; bem lhe basta a pena das custas. O litigante regula-se pelo seu advogado, deve suppor-se que anda de boa fé; e muitas vezes decahe, porque lhe roubam a justiça: ora depois de tantos trabalhos e despesas impor-lhe multa é um barbarismo, e acrescentar a afflicção ao afflicto. O que é bem applicavel ao nosso caso.

Muito fica por dizer sobre esta lei; que esperamos será devidamente apreciado pela camara legislativa, que não ha de descurar um objecto tão importante, por que toca com a bolsa do contribuinte, e não ha de perder de vista, que os tributos tem sido a causa das nossas revoluções, que devemos evitar; por que sempre acarretam males á nação, por mais justo que seja o seu grito.

F. Vieira.

O Nacional de 4 noticiando a transferencia do sr. Brito, director da alfandega do Espozende para a desta cidade, verifica o que por ali se dizia da transferencia do sr. Custodio José Duarte e Silva para o Algarve.

Não podemos saber as razões que levaram o sr. ministro a tomar esta medida, mas podemos affoutamente assegurar que ella é injusta e altamente estranhaavel.

O sr. Duarte e Silva he um empregado que serve ha muitos annos com intelligencia e honestidade, é um velho liberal, emigrado, e soldado do Porto onde prestou distinctos serviços, e com taes predicados na avançada idade em que se acha tinha direito a consideração de não ser manchado com uma transferencia que é sempre um castigo.

Se e sr. Duarte e Silva servia mal, por que o não admoestaram; se prevareicou, porque o não metteram em processo; se servia bem, para que o transferem?

O sr. Duarte e Silva tinha pedido a transferencia de director do circulo do Norte para viver entre a sua familia; agora mandam-no para o Algarve!

Muitas outras considerações temos a fazer e faremos, que nos falta aqui espaço e tempo.

A clinica é bastante difficil, e só pode ser bem praticada por aquellos que a uma somma de conhecimentos proprios juntarem um genio observador, e uma razão clara. Esta verdade, tantas vezes repetida, devia ter sido meditada pelas auctoridades competentes, afim de sustarem a demoralisação que estamos vendo.

Ha neste concelho seis homens, que, sem habilitações algumas, exercem a clinica medica e cirurgica com a maior audacia e inconveniencia. Estes homens formulam medicamentos de todas as classes, e em doses elevadas, e as suas fórmulas são aviadas sem que ninguém se importe se ellas curam ou matam aquelles que por necessidade e ignorancia se entregam em mãos tão pouco experimentadas.

Esta tolerancia não pode nem deve continuar sem grave responsabilidade das auctoridades, que devem responder pelas victimas que estes cirurgijos improvisados tem involuntariamente feito. E' preciso modificar este abuso, já que não pôde ser completamente extirpado attenta a incurria da camara municipal com relação á saúde dos povos.

A área do concelho de Aveiro é bastante extensa, tem nove freguezias com 17:366 habitantes, e tem um medico de partido e dois cirurgijos pessimamente remunerados.

Em taes circumstancias é claro que os facultativos de partido não podem acudir a todo o concelho, e nem o podem fazer por preços diminutos, porque a remuneração da camara não é sufficiente para que isto deva ter logar; e é por isto que os povos menos abastados chamam os

curandeiros de preferencia áquelles que elles reconhecem mais habilitados.

Seria melhor que os doentes confiassem nos esforços da natureza, e que esta não tivesse de lutar com a molestia e a medicina; porém os povos pouco esclarecidos não reconhecem esta verdade, e por isso nós, para os não contrafazer, reconhecemos, que é forçoso, ou providenciar para que os facultativos possam cuidar os doentes do concelho por preços ao alcance de todos supprindo a camara as faltas, ou então capitular com os *fisicos*; mas em todo o caso enfraquecer, a fim de que elles façam o menor mal possivel.

Será facil obter este resultado obrigando os pharmaceuticos a não aviarem fórmulas que vão além dos chás de alta e viola, e procedendo contra todo o *fisico* que tratar um doente grave sem chamar quem o possa esclarecer e guiar.

Esperamos que estas reflexões sejam attendidas, porque são feitas em nome d'esses infelizes que gemem no leito da dôr entregues a tanta ignorancia.

Publicamos no numero passado uma correspondencia d'Agueda, com relação á eleição da commissão do recenseamento, que fizemos preceder d'algumas considerações a proposito; por estas respondemos, e por aquella o poderão fazer os cavalheiros mencionados na correspondencia publicada no outro jornal da localidade.

Dizemos que o sr. João Ribeiro devia respeito e gratidão ao sr. Joaquim Alvaro, e ainda o repetimos.

Tratamos do sr. Joaquim Alvaro administrador do concelho, e do sr. João Ribeiro ex-administrador, e considerando-os assim é bem certo que este deve respeito áquelle, pelos exemplos que lhe tem dado na vida publica, exemplos que o deviam torturar, se elle fosse susceptivel d'isso: deve-lhe tambem gratidão, porque como um principal membro da opposição, quando investido na auctoridade, que elle deixou com tantas manchas, nem uma só palavra soltou em seu desabono.

E' possivel que o sr. Joaquim Alvaro deva obsequios ao sr. João Ribeiro, como simples particular, mas isso é que pouco nos importa — assualhar a vida particular, não se usa na redacção do Districto.

Não sabemos para que é pretender occultar o que todos sabem — Quem ignora a historia da demissão do sr. João Ribeiro? Ninguém, por que ainda a ninguém esqueceu a administração deste sr.

Não queremos concorrer para accender odio que tanto desejamos ver apagado; seja qualquer que for a causa que os desenvolveu, é preciso esquecel-a, e se o sr. João Ribeiro não aspira ao poder, mas só quer o progresso do seu concelho dê provas d'isso despresando esses mexericos que o classificam e definem.

Se assim fizer, havemos de ser nós a rehabilitar-o perante a opinião publica.

FOLHETIM

PASSOS MANOEL

IV

(Continuado don.º 162)

Aberta a malla, e lidas as cartas e as folhas periodicas, as noticias divulgavam-se, e commentadas com a vehemencia apaixonada de animos inexperientes e desprendidos, alimentavam por alguns dias a curiosidade e as disputas academicas. Quando finalmente se annunciou com a vinda do postilhão da corte a fatal nova dos successos, que precederam, e decidiram a reacção de Villa-Franca, a alma dos modernos Grachos cubriuse de luto, as lagrimas correram de seus olhos, e alguns mais impetuosos juraram não sobreviver á patria, immortalisando com o suicidio de Catio as exequias da liberdade. Manoel da Silva Passos, e seu irmão, foram dos mais ardentes neste sentimento, e alguns amigos menos exaltados não lidaram pouco para lhes persuadir, que deviam reservar para dias menos funestos a vida que o primeiro trance lhes representava já tão aborrecida e insupportavel.

Terminados os estudos no meio da confusão d'estes acontecimentos contrarios e repentinos, e mal cicatrizadas ainda as feridas rasgadas por elles, Passos Manoel recolheu-se á sua terra na-

tal, e, separado do bulicio do mundo, continuou no seio da intimidade do lar domestico, a leitura e meditação dos grandes escriptores, acabando de se familiarisar com elles, e preparando-se, sem o saber, para os combates e fadigas da imprensa, que o aguardavam d'ahi a poucos annos. Da sua frequencia na Universidade trouxe a grata recordação do premio de quarenta mil réis, com que os lentes distinguiram o seu engenho e aproveitamento e a honrosa nota lançada nas suas informações pelo voto unanime da faculdade. Encerrada assim a carreira de estudante, começou a do cidadão dedicado e do publicista esclarecido. Fortificada pelos trabalhos, e allumiada depois de 1828 pelo esplendor de uma cultura mais esclarecida, observada em França e na Belgica, a sua vocação manifestou-se vigorosa, e sem hesitar entre os diversos caminhos, que as apertadas circumstancias lhe depararam, levou-o quasi pela mão das alturas da tribuna ás eminencias do poder, sempre coroado de applausos, sempre acatado pela pureza e lisura das intenções, sempre venerado pelo conceito merecido por a sua respeitada probidade, da qual nem a calumnia se atreveu nunca a duvidar.

Atravessaremos, detendo-nos pouco, o doloroso periodo, que medeia desde a queda da constituição de 1820 até á restauração de 1824. As convulsões de uma terra generosa, os erros e

violencias dos bandos, que a dilaceraram, e o quadro heroico da lucta, que assignalou com invejadas proezas o nome do imperador D. Pedro e de seus companheiros de armas, não carecem de ser avivados, a cada instante para nos lembrarem como instructivo e glorioso exemplo.

D. João VI, reasumindo o mando absoluto em 1823, não fugira das instituições livres, que a indole pacifica e a natural agudeza lhe diziam, serem o melhor escudo, que um principe indolente, bondoso, theologo, e philosopho pratico como elle, podia oppôr á inquietação e ás vicissitudes dos tempos. O rei não foi a Villa-Franca para revogar o codigo politico, ou proscriver os oradores do congresso, acudiu a tomar o passo á sublevação militar, resgatando a sua corôa ameaçada das mãos da facção apostolica.

Apesar da somnolencia apparente, Sua Magestade era dotado de finissima penetração, conhecia os homens e as coisas do seu reino, e não se deixava seduzir pelas vagas e pomposas declamações dos doutores e praxistas acerca do direito divino e da legitimidade da soberania derivada das leis cesareas. Pouco lhe importava o principio, a que devia o throno, com tanto que o deixassem morrer sentado n'elle. A um de seus ministros de 1822 nunca esqueceu o sorriso malicioso, com que o neto de D. José I lhe propoz um dia, que, se acaso Portugal tivesse de se constituir em republica, consul por consul, primeiro o nomeassem a elle, porque se accommodava com tudo, e já

cá estava!

Os frades prégadores temiam-o como implacavel censor dos seus sermões, e os defensores exaggerados do solio e do altar, perecebendo que os artificios mundanos do seu zelo não escapavam á vista de linces d'aquelles olhos, que liam, quando queriam, no fundo do coração todos os segredos, accusavam o monarcho de conspirar contra si mesmo, lançavam-lhe em rosto certa affeição aos pedreiros livres, e insinuados pela rainha advogavam a necessidade de pôr o rei em tutella a fim de salvar a monarchia.

A tentativa de 30 d'abril de 1824 não significou outra coisa. D. João VI, tornado suspeito, caminhava na opinião dos apostolicos a passos largos para o cadafalso de Luiz XVI. Era indispensavel vader-lhe, e obrigal-o a ser o verdadeiro pai de seus vassallos, felicitando-os com algumas d'aquellas suaves correções patibulares, que estream em Hespanha a clemencia de Fernando VII. O rei preferiu retirar-se para bordo da nau Windsor Castle, e desembarcar de lá com as mãos limpas de sangue, e o peito vazio de odios e remorsos. Os amigos da Abrilada nunca lhe perdoaram este acto de alta traição. Porque não quiz elle abdicar nas sacristias, expurgar o paiz de magoens e de liberaes, e em quanto as victimas gemiam, não se entreteinha a gargantear em Marfira á estante o seu cantoxão figurado, em que nenhum capellão cantor o excedia?!  
*Revista Contemporanea.* (Continúa.)

Do nosso estimavel collega o «Commercio do Porto» extrahimos o seguinte:

### BRAZIL

#### Questão anglo-brazileira

Os nossos leitores tem já noticia circumstanciada pela carta do nosso correspondente do Rio de Janeiro do grave conflicto que se suscitou entre o governo brazileiro e a legação britannica, porém como tudo quanto se refira a este assumpto não pôde deixar de ser lido com interesse, transcreveremos tambem de diversos numeros do «Journal do Commercio» o que esta folha publicou sobre tão deploraveis questões, que tanto preocupam os espiritos. Folgaremos que as negociações que vão ser continuadas em Londres ponham completamente termo a esta pendencia de modo que o Brazil obtenha reparação do ultraje recebido.

— Lê-se no «Journal do Commercio» de 5 do corrente:

«Remiram-se hontem, ás 11 horas da manhã, no ministerio da agricultura e sob a presidencia do sr. ministro dos negocios estrangeiros, varias secções do conselho de Estado, para considerar a questão pendente com a legação ingleza, e hoje á mesma hora deve reunir-se para igual fim o conselho de Estado pleno. Deus illumine o nosso governo e os seus conselheiros, porque a situação é gravissima.

«Hontem tornou a entrar n'este porto o vapor de guerra inglez «Stromboli», d'esse inaudito cruzeiro em que, á vista da nossa barra, se dá caça ás embarcações que arvoram o pavilhão nacional. Trouxe a seu bordo doze pessoas pertencentes ás embarcações até agora apreçadas que ficaram na ilha das Palmas, mettidas n'uma angra, cuja sahida é guardada pelo outro vapor «Curlew».

«Estas embarcações são:

«O vapor «Paralyba», que vinha de Ubatuba com café e fumo. Pertence ao sr. José Cornelio dos Santos, d'esta praça. O patacho «Chaves I», que vinha de Benevente, com madeira, café e milho. Pertence á sr.<sup>a</sup> D. Clara Maria Ferreira, da mesma villa. A sumaca «Aurea», que vinha da Victoria, com café, consignada ao sr. Domingos Lourenço Gomes de Carvalho, n'esta praça. O palhote «Trinta e um de Outubro», sahido d'este porto no dia 28 para o Rio de S. João com varios generos. Este barco perde uma borda e rendeu o mastro do traquete abalroando com um dos vapores aprezaes. A sumaca «Senhora do Carmo», sahida d'este porto no dia 2, com sal.

«Ali fica registrado este negro attentado que não carece de commentario, nem os queremos nós fazer, aguardando a resolução que o governo vá tomar. Em breve deve ella ser tomada. A ansiedade com que a espera a população, já profundamente indignada, redobrou naturalmente com o conhecimento d'estes ultrages e á vista de um dos mesmos navios que acabavam de commetellos.

«Um sentimento unico anima hoje todos os brazileiros, repilla-se com dignidade e firmeza o baldão que nos arremecam, e conservemos o nosso nome honrado escripto entre os das nações livres.»

O «Journal do Commercio» de 6 diz o seguinte:

«Continua a questão ingleza a trazer desasosegada a cidade. O dia de hontem passou-se agitado, mas felizmente sem acto algum que deslustrasse a dignidade de um povo que, ainda mesmo atrozmente offendido em seus brios, não esquece o que deve a si mesmo e ao nome que tem de nação civilisada.

«Logo de manhã compactas massas populares se apinhavam nas immedições da praça do commercio, e varios negociantes requereram á commissão da mesma praça que promovesse uma reunião para dirigir ao governo um voto de adhesão, manifestando ao mesmo tempo a esperança de que fosse dignamente repellida uma affronta que a todos dóe tão profundamente:

«Eis aqui o requerimento.

«Sr. presidente e mais membros da commissão da praça—Em presença da grave conjunctura em que nos aclamamos, o commercio d'esta praça tem obrigação de emittir francamente o seu pensamento, que não pôde ser outro senão o pensamento geral de indignação contra exigencias iníquas e de adhesão plena ao procedimento do governo imperial, recommendavel pela energia e lucidez com que tem defendido a boa causa da razão e da justiça. Suba o governo imperial que o commercio desta praça não recuará diante de sacrificio algum para que se mantenha a honra do Brazil, felizmente consorciada com a defeza dos principios de justiça.

«Para este fim, os abaixo assignados requerem a VV. SS. que hajam de convocar com toda a urgencia uma reunião do corpo commercial.»

«Na mesma occasião dirigiu o sr. Thiophilo Ottoni algumas palavras aos circumstantes, procurando serenar os animos e concluindo por um viva ao imperador.

«Um numeroso concurso de povo, cujo nobre entusiasmo carece antes de ser moderado e bem dirigido do que estimulado, affluio tambem á camara municipal a alistar-se como voluntarios. O sr. ministro da agricultura appareceu em diferentes pontos da cidade, sendo em toda a parte as suas tranquillizadoras palavras escutadas com respeito e confiança.

«Pelas 6 horas da tarde appareceu S. M. o Imperador dirigindo-se ao paço da cidade onde se reunia o conselho de ministros. Ondas de povo fremente de entusiasmo cercaram logo o carro

imperial, rompendo em vivas e aclamações, e dando o magnifico espectáculo de um povo que na hora da afflicção se ajunta em torno do chefe, em cujas mãos põe os seus destinos. Sua Magestade apeon se á porta do seu paço, e mostrando-se commovido fallou ao ajuntamento que enchia o atrio. As palavras do Imperador foram — que era elle primeiro que tudo Brazileiro, e como tal mais do que ninguém empenhado em manter illusas a dignidade e honra da nação; e que assim como elle confiava no entusiasmo do seu povo, confiasse o povo n'elle e no seu governo, que ia proceder como as circumstancias requeriam, mas de modo que não fosse aviltado o nome de Brazileiros de que todos nos ufamamos.

«Estas palavras foram acolhidas com novos vivas sahidos de todos os corações, e em quanto esteve reunido o conselho varios discursos se proferiram entre a multidão que cercava o palacio, sendo os mais notaveis os pronunciados pelos srs. desembargador Alexandre Joaquim de Sequeira e João Carlos de Souza Ferreira.

«O governo dirigiu ao sr. Christie uma nota communicando-lhe a sua resolução tomada de accordo com o conselho de estado que de manhã se reuniu em sessão plena. Até ás 2 horas da madrugada esteve S. M. o Imperador no paço da cidade com os seus ministros, aguardando a resposta do ministro inglez, retirando-se então entre os vivas entusiasticos do povo, que a tão avançada hora da noite guarnecia o largo, esperando a sahida do monarcha para dar-lhe mais este testemunho de dedicação e lealdade.»

Em 7 do corrente publicou o mesmo jornal.

«Anunciou-se hontem que tinham tido solução pacifica as questões suscitadas entre o governo imperial e a legação ingleza n'esta corte.

«Durante toda a manhã de hontem revelou-se a impaciencia com que a população esperava por um desfecho que terminasse a situação anormal e desagradavel em que nos achavamos.

«As 11 horas, ao baixar S. M. o Imperador á capella imperial, afim de assistir á festa do Reis, foi acompanhado no seu trajeto pelas aclamações do povo, que parecia conjurar com denodo a crise, reunindo-se espontaneamente ao redor do throno, e provando a sua adhesão ao soberano que tão bem comprehende os deveres inherentes ao seu alto cargo.

«As 2 horas da tarde o povo que se achava reunido no largo do Paço, mais ansioso por conhecer a solução das questões pendentes, encarregou de ir pedir a S. M. o Imperador uma commissão, composta dos srs. Dr. Fernando Sebastião Dias da Motta, commendador José Antonio Vaz do Espirito Santo e Dr. José Cactano dos Santos.

«Tendo sido recebida, voltou a commissão, e o sr. Dr. Dias da Motta declarou que S. M. res ondera que, como monarcha constitucional, não era a elle, mas ao chefe do gabinete, que o povo devia dirigir-se.

«Acrescentou o sr. Dr. Dias da Motta que então prorurára o sr. presidente do conselho, e que este lhe annunciara que as prezas brazileiras iam ser restituídas, tendo mantido o governo, na solução das questões do dia os brios e a dignidade da nação brazileira.

«Pedi, por fim, o orador ao povo que se conservasse calmo em suas manifestações.

«Houve então uma grande demonstração popular dentro do saguão do paço, pedindo a multidão a presença do Imperador entre vivas entusiasticos.

«Sua Magestade acceden mais de uma vez a esse desejo, e em unanimes saudações recebeu uma nova prova do amor e dedicação do seu povo.

«Até á noite manteve-se a multidão ao redor do paço, onde o imperador se conservou com a familia imperial e ouviu entre outras felicitações a que lhe trouxe uma commissão especial em nome dos habitantes de Nitherohy.

«Em todo esse movimento a população, apesar de animada de vivo sentimento, não ultrapassou os limites da ordem; foi energica, mas não manchou com excessos a pureza de suas manifestações.

«A tarde sahiram os vapores de guerra inglezes «Satellite» para a Bahia, «Dortwell» para o Rio Grande do Sul, e «Stromboli» para a enseada das Palmas, levando a ordem da entrega das prezas, que ali estavam guardadas pelo «Curlew», devendo seguir depois para Pernambuco.

«Milhares de pessoas, com uma banda de musica á frente, ainda á noite percorreram varias ruas da cidade, entoando fervorosos vivas á nação, ao imperador e ao povo.»

— Lê-se no jornal de 8 do corrente:

«Hontem á tarde entrou em o nosso porto o vapor «Parahyba», uma das prezas relaxadas em virtude do accordo consignado nas notas trocadas. Pessoa que fallou a bordo com o capitão do «Parahyba» referiu nos que o vapor de guerra inglez «Stromboli» chegou hontem pelas 3 horas da madrugada á enseada das Palmas, e ali recebeu os inglezes que estavam nos navios aprezaes, deixando estes livres, e seguindo pouco depois com o «Curlew» para os destinos já conhecidos.

«Consta nos, porém, que dos outros navios aprezaes não puderam seguir por falta de vento favoravel os que se achavam em estado de navegar, e que o patacho «Chaves I» e o palhote «Trinta e um de Outubro» só poderão vir a reboque, que seria conveniente facultar-lhes, o primeiro por e-tar com agua aberta, e o segundo em consequencia das avarias que soffreu quando foi abalroado.

«Ao saber da chegada do «Parahyba» affluio o povo ao largo do Paço, festejou esse fa-

cto com jubilosas demonstrações, e dividido depois em grupos mais ou menos numerosos, ainda á noite se occupava com vivo interesse da materia do dia.

«Um d'esses grupos, precedido de uma banda de musica, percorreu algumas ruas da cidade, encontrando na população significativas manifestações de adhesão ao entusiasmo com que demonstrava o seu patriotismo.»

— O jornal de 9, ultima folha que se recebeu, diz o seguinte:

«Hontem ás 5 horas da tarde foram recebidas por S. M. o Imperador no paço da cidade as commissões das camaras municipais da corte e de Nitherohy que em nome das respectivas fregruzias o foram felicitar pelo desenlace das questões suscitadas com a legação ingleza.

«Ao chegar Sua Magestade ao paço com sua augusta familia, foi saudado entusiasticamente pelo povo, que estava reunido n'aquellas immedições.

«O sr. commendador José João da Cunha Telles, presidente da camara municipal da corte, apresentou a Sua Magestade a seguinte felicitação:

«Senhor! A camara municipal da muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro tem a honra de, congratulando-se com V. M. Imperial expôr os sentimentos de gratidão dos seus municipes ao governo de V. M. Imperial pelo modo honroso e digno porque fez terminar a questão suscitada pela legação ingleza.

«Assim como a camara municipal da capital do imperio estava prompta a sollicitar dos seus concidadãos os sacrificios que exigiriam, sem duvida, as criticas circumstancias por que passamos se a honra nacional os reclamasse, do mesmo modo se apressa a dar um testemunho do seu reconhecimento por vêr mantida a paz sem quebra do decoro nacional. A energia e prudencia do patriótico governo de V. M. Imperial se deve tão feliz resultado. Permitta V. M. Imperial que beijando a augusta mão de V. M. Imperial, a camara municipal da muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro ainda uma vez manifeste os seus sinceros sentimentos de adhesão e respeito á pessoa de V. M. Imperial.

«Paço da camara municipal, 8 de janeiro de 1863. — José João da Cunha Telles, presidente.»

Sua Magestade respondeu o seguinte:

«Já o disse, mas tenho prazer em repetil-o: a nação brazileira não pôde contrahir divida com o seu imperador. Na hora das provocações, contem os brazileiros sempre comnigo, e depois, de sejo como recompensa, ainda achar me no meio d'elles, para, formando todos nós uma só familia, trocarmos nossas expressões de affectuoso jubilo.»

A commissão da camara municipal de Nitherohy respondeu Sua Magestade:

«Sou brazileiro; portanto estou certo de que os brazileiros sempre me acompanharão quando se trata de defender a honra e a dignidade nacional.»

Com a devida venia transcreveremos do nosso collega o «Journal do Porto», o seguinte:

«Seguindo o mesmo teor das precedentes revistas, começaremos tambem hoje pelos negocios da nossa vizinha Hespanha. Se não são os mais importantes, são de certo os que primeiro e logo ao sahir da porta se nos deparam.

Annunciara-se, como é sabido, que ia reunir-se a fracção progressista da união liberal, a fim de assentar a posição que devia tomar para com o novo gabinete. Coube porém a este annuncio a mesma sorte de tantos outros annuncios: não teve effeito.

Mas porque deixaria então de reunir-se a fracção progressista? *Quot capita, tot sententia*; e para demonstrarmos essa divergencia, não precisaremos de colligir as opiniões dos jornaes mais hostis ao ministerio. Bem bastam as dos que lhe são affeccionados.

«Os deputados progressistas da maioria (diz a «Correspondencia»), que tinham pensado em fazer uma reunião, desistiram d'essa ideia, para mostrarem, contra o que se dizia em contrario, que têm completa confiança no ministerio.»

«Os deputados progressistas da maioria (diz o «Eco do Pariz») desistiram da reunião, porque alguns dos principaes individuos d'essa fracção, que não tinham tido conhecimento do que se tractava até ao momento de receberem o aviso, se mostraram resoltivos a não assistir.»

«A fracção progressista da união liberal não se reuniu (diz a «Epoca»), para não ir lançar novos combustiveis á fogueira das divisões, mais superficiaes do que profundas, que têm sobrevivendo no seio da maioria parlamentar.»

D'essas versões escolha cada um a que mais acceptavel lhe parecer. Pela nossa parte, só podemos dizer que, ou seja profundas ou superficiaes as taes divisões, que a «Epoca» diz estarem a arder em fogueira no seio de maioria, são já mais que bastantes para fazerem ferver em vivo desasosego a situação ministerial.

E-forçando-se por equilibrar-se entre as affeições dos conservadores e as dos progressistas, vê-se o ministerio na difficil posição de quem deseja contentar a todos, e por fim não contenta a ninguém.

Em uma das ultimas sessões do senado, algumas explicações foram dadas, acerca da questão do Mexico, pelo sr. Calderon Collantes; que, em resumo, não foi mais feliz como senador, do que o tinha sido como ministro d'estado. O que havia de inexplicavel na diplomacia hespanhola com relação nos negocios do Mexico, inexplicavel ficou depois do ultimo discurso do sr. Calderon.

Na opinião do general Serrano, a questão do Mexico, para a Hespanha, é uma lebre que está corrida: «e mais val não fallar mais n'isso.» Façamos-lhe por hoje a vontade, e passemos adiante.

Um curioso incidente houve tambem na mesma sessão do senado, por occasião da 2.<sup>a</sup> leitura d'uma proposta do sr. Rodrigues Camaleno, que o troco d'um augmento na dotação geral do clero queria ver modificados os chamados direitos d'estola e pé d'altar, a fim de que os pobres não tivessem que fazer tantas despesas, assim para baptizarem seus filhos, como para se casarem, e para enterrarem os seus parentes defunctos.

Parece que n'esta proposta nada havia que podesse offender as consciencias religiosas e tentantes a Deus; mas não é entendido assim o ministro da graça e justiça (Pastor Dias), que quasi chegou a abominal a como evada de heresia! Exconjurando em phrase campanuda as anachronicas tendencias do *voltairianismo* e do *encyclopedismo*, utilizou o devoto ministro algumas generalidades que tinha de reserva para o aperto de questões ecclesiasticas; mas a occasião não foi muito bem escolhida, pois o caso não era tanto d'egreja como de sacristia.

E ainda ali não ficou o ministro da justiça. Respondendo á parte do discurso, em que o sr. Camaleno fallara no elevado preço das dispensas matrimoniaes, aproveitou o sr. Pastor Dias o ensejo para pre-tar as suas homenagens á curia romana, chegando n'um raptu d'eloquencia ultramontana a pronunciar as seguintes memoraveis palavras:

«Roma catholica, a pontificia Roma, a cabeça do mundo christão, não deixou de ser herdeira da Roma da republica, da Roma dos Cesares (isto, cumpre notar-se, dizia-o o mesmo ministro hespanhol em bem, que não em mal; e se vos admirais...) «Providencial é esta herança; com ella, accitou da Roma antiga a Roma actual o principio de nunca fazer a paz senão e-tando vencedora. Assim como os antigos romanos nunca faziam a paz em quanto vencidos, tambem com a Roma pontificia nunca se poderá tractar vantajosamente, em quanto ella estiver abatida e humilhada.»

Reparem que tudo isto veio a proposito das dispensas matrimoniaes, assumpto cujo fio, em vez de se dobrar pelas paginas sanctas do Evangelho, vai enredar-se nas chronicas profanas d'Entropio e Tito-Livio; e da historia dos Cesares vem por fim a emaranhar-se de todo na actual questão da Italia!

Parce-nos que este facto basta já de per si para caracterizar o ministro, contra cujas doutrinas protestou energicamente, não só o sr. Camaleno, mas até o sr. Gomez de la Serna, apesar de presidir a uma das fracções com cujo apoio suppunha poder contar o ministerio.

Alguns jornaes de Madrid publicam a felicitação dirigida ao ferido d'Aspromonte pelos democratas de Madrid, para os quaes o heroe italiano é actualmente a mais energica e viva personificação das aspirações do seculo.»

«Não sois a espada da Italia, mas a de todos os povos. — Assim o dizem a Garibaldi os democratas madrilenos, que rematam por asseverar que, «se elle amanhã desembarcar de novo a espada, toda a Italia, agrupando-se lhe em volta da bandeira, correrá a proclamar do alto do Capitolio a liberdade.»

A eloquencia desta especie de documentos é naturalmente destra em florear bandeiras, e em tapetar de louros a estrada da victoria. Ora os democratas de Madrid mostram que não desconhecem os bons modelos.

Nos documentos diplomaticos relativos á questão romana, que acabam de ser publicados pelo governo francez, veio a noticia de que o governo pontificio estava redigindo uma memoria destinada a informar o imperador acerca da organização administrativa e judicial dos Estados do papa.

Com quanto em nenhum despacho vejamos ainda a menção de ter chegado ao governo francez a tal memoria, é certo que o jornal «La France» começou já a publicar um relatório, que diz ella ser a promettida memoria do governo pontificio. Outro jornal napoleónico, a «Patrie», sem se atrever a affirmar que seja authenticos esse documento, vai-o commentando, e embica logo na phrase por que elle começa:

«A organização do governo pontificio não «differe de modo algum dos outros governos da «Europa.»

Será isto premissa para concluir que são inuteis e desnecessarias as reformas? Para chegar a essa illação, em vez de se comparar com os outros governos da Europa (onde os ha de varias especies), me'hor faria o governo pontificio, pondo de lado a modestia, e declarando-se francamente o melhor dos governos existentes e possíveis, sem exceptuar o da republica de Platão, ou o da utopia de Morus.

Pelo que toca ás reformas promettidas pelo governo romano, essas estão ainda no embryão, da promessa, e não parece que hajam de vir tão cedo á luz da realidade. Não falta em Roma quem supponha que as eleições municipaes ficarão adiadas para as kalendas gregas. Dizem no entretanto os amigos do governo pontificio, que este, para levar o projecto a effeito, só espera pelo amigavel amigo da França. O mais curioso é que os romanos pouco se impacientam com estas demoras, senão é que chegam a olhar-as com a maior indifferença. Engoiadas como são as promettidas reformas, entendem elles que tanto monta realizarem-se como ficarem na massa dos possíveis.

(Continúa.)

Supremo tribunal de justiça

Sessão em 30 de janeiro

Distribuição

10:146—Recorrente Luiz de Sequeira Silva, recorrido Bernardo Teixeira de Lemos d'Aguilar; relator Ferrão.

10:147—Aggravantes Antonio Gerardo Martins de Carvalho, dois irmãos e sobrinhos, agravados o ministro e mezaros da ordem Terceira de S. Francisco da cidade do Porto; relator Alípio.

Julgamentos

9:866—Recorrente Antonio José Ramalho, recorridos D. José Maria da Piedade Leucaste e mulher; negou-se a revista.

Para a sessão de 6 de fevereiro

9:795—Recorrentes provedores e mais officiaes da Santa Casa da Misericórdia da Villa dos Arcos, recorridos Antonio Augusto Cerqueira Vellozo e mulher; relator Cabral.

9:470—Recorrentes provedores e deputados da mesa da Santa Casa da Misericórdia d'Aveiro, recorridos D. Marianna Rita de Noronha e marido; relator Cabral.

9:838—Recorrente Francisco Magalhães Pereira Pinto de Sousa, recorridos D. Maria Josépha Soares Cerqueira e seus filhos; relator Ferrão.

9:178—Recorrente Felizarda Ayres e outros, recorrido Antonio José dos Santos Veiga; relator Ferrão.

9:638—1.ª recorrentes D. Maria dos Prazeres e marido, 2.ª recorrentes D. Maria Jesuina Pinto Cabral Magalhães, recorridos José Bernardo Cabral Magalhães e filhos; relator Aguiar.

10:027—Recorrente Lazaro José da Silva, recorridos João Antonio da Silva Rodrigues de Carvalho e mulher; relator visconde de Fornos.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor

Alfandega de Aveiro 3 de fevereiro de 1863.

No seu jornal — O Districto de Aveiro — n.º 165 de 3 do corrente, vem inserta uma local extrahida da «Revolução de Setembro», na qual se diz que a maior parte da carga roubada da escuna ingleza — Elisabeth —, fôra rehavida pela energica cooperação de s. ex.ª o governador civil d'este districto.

E com quanto não haja dúvida sobre as subsequentes diligencias de s. ex.ª, para se descobrirem os perpetradores dos roubos, por que foram judiciosas e acertadas; ainda assim para esclarecimento da verdade, cumpre-me declarar, que os objectos da carga e casco que deram entrada nesta alfandega (com a pequena excepção abaixo declarada) foram todos salvados sob a direcção do empregado, servindo de guarda-mór, que com outros, mandei para a praia do naufragio no momento em que elle aqui me constou, acompanhando-os uma escolta de infantaria, e indo conjunctamente o sr. João José Fernandes, agente do vice-consul inglez nesta cidade, que ali se demorou até final, coadjuvando tambem o salvamento.

E fazem a excepção os objectos seguintes: Cinco saccas cheias d'assucar. Duas barricas de tinta verde. Um feixe de salça parrilha. Cento noventa e duas mãos de linho. Trez velachos. Dois bocados de virador. Uma porção de cordas com cadernaes. Um fogão de ferro pequeno. Uma corrente de dito pequeno. Trinta e seis páos de capeche. Um encerado grande. Um dito pequeno. Oito bandeiras e signaes. Uma sineta.

Alguna roupa do capitão e marujos: Os quaes sendo encontrados em alguns barcos na ria pelo sr. fiscal dos tabacos, os recuperou elle dos roubadores, e os fez conduzir para aquella praia, aonde entregando-os ao sobredito empregado, foram logo reunidos aos mais salvados. E ainda uma vela e dois páos de campeche que para aqui mandou o chefe do posto fiscal de Mira, da dependencia d'esta alfandega, participando que lhe foram entregues como restituição alcançada no confissionario.

E pelo que respeita aos delinquentes, não consta que algum d'elles se ache preso.

Digne-se, sr. redactor, de fazer inserir esta declaração no primeiro numero do seu jornal.

O director

C. J. Duarte Silva.

Sr. redactor.

Paiva 31 de janeiro de 1863.

Appareceu no jornal o «Campeão» n.º 1103 de 28 do corrente uma declaração relativa á minha correspondencia inserta no seu jornal de 23 do mesmo mez, na qual declara, que o auctor da outra «declaração» exarada no mesmo «Campeão» n.º 1039 é estranho a este periodico, e por isso que não deve ao sr. Varella os favores da natureza daquelles a que allude a minha correspondencia de 23.

Se é verdadeira tal declaração, de certo que as alluções ali feitas o não eram a esse incognito auctor; porque o Menotti não se bate com sombras, ou com fogos fatuos; e nesta parte somente fica

declarada aquella minha correspondencia, de si já bem clara.

O Menotti tracta de descobrir o tal auctor, ou curandeiro de fogo fatuo, que appareceu no «Campeão» n.º 1039, o que lhe não ha de custar muito; e se, como o suppomos, merecer os nossos cumprimentos, esteja certo que não faltaremos aos deveres da cortezia, sem que nos apavore a sua ameaça de charlatão.

O Menotti detesta questões pessoais; o seu fim é pôr em relevo os actos das auctoridades e mais empregados, e tem força bastante para o fazer sem medo algum, porque collocado como sempre no campo da verdade, será difficil de desalojar.

O tal incognito attribue ao sr. Alves Medêas as accusações, que todo o mundo faz ao sr. Varella et reliqua, fundando a sua asserção em uma informação, que este deu contra aquelle, e pelo que deixou de ser escrivão neste julgado: este modo de apreciar os factos é digno do auctor da declaração, porque ignora a incompetencia, que tem o administrador de informar de um empregado judicial; mas como nos presamos de em tudo dizermos a verdade, vamos desenganar o incognito.

O sr. Varella sendo devedor de grandes favores ao sr. Medêas, e até de sacrificios, que este por aquelle havia feito, nas occasiões mais criticas do sr. Varella, passou esta com a mais negra ingratião a fulminar uma denuncia falsa contra o sr. Medêas, e seduzindo o sr. presidente da camara, Luiz Paulino, para se associar com elle nesta perseguição, o que pôde eonsequir da fraqueza d'este; e a dirigiram ao governo, para com taes denuncias, e com o apoio do então deputado desta localidade, Telles de Vasconcellos, e mais empenhos, conseguirem a demissão daquelle, que foi reconhecido, como probo, e intelligente empregado, o que não poderam conseguir, mas só a transferencia do sr. Alves Medêas, do julgado de Paiva para o de Almeida, apesar dos testemunhos e perseguições, que o sr. Varella lhe fez, e que tudo foi declarado falso no tribunal judicial na comarca d'Arouca, no dia 15 de março do anno findo, onde o sr. Alves Medêas ficou triumphante, e com a sua conducta sem mancha, e confundido o sr. Varella, et reliqua.

Não era necessaria aquella decisão, para que os povos de Paiva se não compenstrassem das falsas arguições e denuncias do sr. Varella, porque o perfeito conhecimento, que todos tinham do sr. Alves Medêas o punha a coberto daquella falsa denuncia; porém trinta dias depois de dada, o sr. Luiz Paulino, então e hoje presidente da camara, se encaregou de, por seu proprio punho, lavrar um documento, que entregou ao sr. Alves Medêas, no qual não só se desdizia formalmente de quanto havia dito na denuncia a que o obrigára o sr. Varella, mas atestou as qualidades que na verdade possui o sr. Medêas, como empregado judicial, acompanhada de uma outra attenção dos de mais membros da mesma camara: esta é a verdade.

Se o tal incognito, ou algum outro quizer examinar estes documentos, estamos auctorizados para lhes apresentar, assim como quaesquer outros, que tenham relação com as accusações que aos srs. Varella temos feito neste jornal, ou em qualquer outros; e por aqui verá o tal auctor da declaração o pavôr, que temos de ser chamado aos tribunaes, para onde mostramos o caminho a quem por nós se julgar injuriado.

Já vê pois o sr. Declaração, que o sr. administrador Varella, é de numero daquelles, que adoram o sol quando nasce, e o apredçam no seu occaso, como o fez ao sr. Alves Medêas, e posteriormente ao seu protector Telles de Vasconcellos. ....

Ficamos hoje por aqui, na certeza de que o Menotti bate-se, e só a morte porá termo á peleja; e quanto a ameaças — desprezo-as. .... No dia 20 do corrente o revd.º abbade e arcepreste da freguezia de Sobrado, celebrou uma missa resada naquella freguezia, pela alma do sempre chorado José Estevão, a que assistiu muito povo, e alguns reconhecidos daquelle illustre finado; é assim que o povo presta homenagem á memoria do grande orador popular, que Deus foi servido chamar a si, para lhe dar o prêmio que pertence aos seus escolhidos.

De v. etc  
Menotti.

EXTERIOR

Dos jornaes do corréio de hontem transcrevemos o seguinte:

Pariz 25.—Na distribuição dos premios aos expositores de Londres, o imperador pronunciou um discurso felicitando-os pelo triumpho que alcançaram pela sua energia, dizendo-lhes:

«Eis realizada a terrivel invasão do sólo britannico. Sou muito feliz recompensando os mais valentes. Passamos o estreito e invadimos o territorio de Inglaterra, não com as armas que levam consigo a destruição, mas sim com as armas que dão a prosperidade e o bem estar.»

O imperador demonstrou a excellencia dos tractados de commercio que aproximam os povos, e acrescentou que os francezes viram que podem tomar por emprestimo á Inglaterra muitas conquistas moraes. Reconhece que a Inglaterra é o paiz onde ha liberdade para todas as opiniões, faz elogios ao seu regimen politico e administrativo, bem como aos costumes inglezes.

Berlin 25.—Receberam se despachos acerca de revoluções em varios pontos da Polonia.

O movimento é muito grande; e foi elevada a guarnição a 40:000 homens.

Roma 24.—A denominada junta nacional publica um novo manifesto dizendo que não variou em nada o seu procedimento, e que não reconheceu outra auctoridade além da do governo do rei de Italia.

Marselha 24.—Reina panico em Athenas por se terem aproximado das suas portas algumas maltas de bandoleiros.

Sahiu tropa para os perseguir.

Cairo 23.—Não se interrompem os trabalhos do isthmo de Suez.

Berlin, 25.—Em Varsovia visitas domiciliares e prisões.

Muitos parochos presos por distribuirem escriptos revolucionarios.

Estabeleceu-se um cordão sanitario em Serek.

Junto a Bonie numerosos grupos de refractarios foram dispersados pela força.

Turin, 26.—O vice almirante Horacio foi nomeado ministro da marinha.

Londres 26.—Diz o «Morning Post» que o duque Ernesto de Coburgo não é já o candidato ao throno da Grecia, mas sim outro principe protestante, que será recommendado pelas tres potencias.

O «Daily-New» considera a insurreição polaca como um acto de desespero, e aconselha a Russia para que conceda uma constituição á Polonia.

S. Petersburgo, 26.—O «Jornal de S. Petersburgo» dá longos promenores sobre a insurreição da Polonia; declarando-se neste reino suspensas as garantias.

Houve varios encontros entre a tropa e os insurreccionados, de que resultaram muitos mortos e feridos; e entre aquelles um general russo.

A Porta Ottomana concentra forças nas fronteiras de Bônia e Xerzegowina.

Diz-se nos circulos politicos que Napoleão aconselha o imperador da Russia para que faça concessões á Polonia.

Pariz, 27.—O projecto de resposta ao discurso da corôa no senado declara que os senadores acceptarão na ordem politica todos os progressos, fortificando como base principal dos mesmos as garantias da ordem.

Berlin, 27.—A insurreição de Varsovia foi suffocada.

Em Piek teve lugar uma luta encarnçada em que os russos foram vencidos.

Pariz, 27.—Os ultimos despachos de S. Petersburgo, Berlin e Cracovia, annunciam a continuação do movimento revolucionario nas provincias da Polonia.

O grande-duque Constantino pediu reforços de 50:000 homens.

O telegrapho interior continua interrompido.

Em todas as provincias polacas trabalha o partido revolucionario.

Athenas, 26.—O governo grego não tem maioria na assembléa.

NOTICIARIO

Correspondencia.—No lugar competente publicamos uma correspondencia do sr. director da alfandega desta cidade em resposta a uma local que este jornal transcreveu da «Revolução de Setembro» sobre o naufragio da escuna ingleza Elisabeth.

S. s.ª reconhece os bons servicos prestados pelo exm.º governador civil para o descobrimento dos roubadores, mas é certo que a actividade dos empregados da alfandega se deve o salvamento dos objectos da mesma escuna.

Para nós, que conhecemos o zelo inexcedivel do sr. director era desnecessaria a sua carta, mas os que duvidarem podem recorrer á sua leitura, que ali se dá o seu a seu dono.

Presbyteros beneficiados.—Por decretos de 21 do janeiro ultimo foram apresentados nas igrejas parochiaes a que se oppozeram em concurso documental, os seguintes presbyteros:

Bernardo Guilherme da Motta Veiga, na igreja parochial de Nossa Senhora das Neves, no concelho e diocese de Beja.

João Guilherme da Costa, na igreja parochial de Nossa Senhora dos Milagres, da Serreta, na diocese de Angra.

Manuel José Brum, apresentado, precedendo concurso por provas publicas em um beneficio da real collegiada da sé cathedral de Angra.

Manuel da Rocha Serrão, condecorado com as honras que competem aos conegos da sé cathedral da Guarda.

Caminho de ferro do sul.—A receita geral da exploração do caminho de ferro do sul, durante o mez de dezembro ultimo, foi de rs. 7:998\$490.

No curso daquelle mez, percorreram a via 5.390 passageiros ordinarios e 168 militares.

Revista continental.—Diz o «Jornal do Porto», que vai ser fundado com este titulo um novo jornal por uma sociedade de sabios francezes, inglezes, allemães, belgas, e italianos.

A Belgica será a sede desta importante publicação que se acha a cargo de homens eminentes pelos seus conhecimentos.

O novo periodico será consagrado ás sciencias philosophicas e historicas, á litteratura e ás bellas-artes. O primeiro numero deveria ser distribuido no 1.º do presente mez de fevereiro.

Apresentações ecclesiasticas.—Por decretos de 28 do passado:

O presbytero Antonio Martins Dias — apresentado, precedendo concurso por provas publi-

cas, na igreja parochial de S. João Baptista, do Pedrogão Pequeno, na diocese de Lisboa.

O presbytero Antonio Rodrigues Rocha d'Figueiredo — apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Nossa Senhora da Graça, de Cozures, na diocese de Vizeu.

O presbytero João de Almeida Dias — apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Nossa Senhora da Graça, de Tragozella, na dita.

O presbytero João Tavares Nogueira da Silva — apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Santo Estevão, de Couto de Esteves, na mesma diocese.

O presbytero José Antonio Tavares — apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de S. João Baptista, de Rocas, na sobredita diocese.

O presbytero José Caetano Lourenço de Miranda, parochio collado na igreja de Santo André, de Villa Nave, na diocese primaz de Braga — apresentado, precedendo concurso documental, na igreja parochial de S. Martinho, do Arco de Baulhe, na mesma diocese.

O presbytero José Maria d'Almeida — apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Nossa Senhora da Natividade, de Calde na diocese de Vizeu.

O presbytero Miguel de Pina Mello — apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Sant'Anna, da Carnota, na diocese de Lisboa.

Aos presbyteros: Francisco José Rodrigues de Almeida — parochio collado na igreja de Nossa Senhora da Conceição da villa do Machino, na diocese do Funchal, e

Nicolau Angelo Nery da Silva — parochio collado na igreja de Nossa Senhora do Monte, na mesma diocese — concedida a regia permissão para entre si permutarem os respectivos beneficios.

Caminho de ferro subterraneo.—O entusiasmo dos habitantes de Londres pelas viagens no caminho de ferro subterraneo, que n'aquella capital se abriu ultimamente á circulação, é extraordinario.

A multidão que se agglomera nos trens é immensa.

Nos primeiros dias o transporte era na rasão de 30:000 pessoas por dia.

A maior distancia d'aquella linha ferrea é de 3 e meia milhas desde a estação do caminho do ferro do Occidente até á City, e o preço de 2, 3 e 4 pennys.

No principio offereceu grandes difficuldades a construção d'aquelle tunnel por baixo das ruas de Londres, e pelo meio de um labyrintho de aqueductos e encanamento da agua, gaz, etc.

Estas difficuldades foram vencidas, assim como a que offerecia o fumo das chaminés das locomotoras.

Estas consomem o seu proprio fumo, e como se aquecem um pouco os wagons, como n'esta estação são muito frios, atravessa-se a metropoli, por baixo da terra commodamente.

Este caminho tem um sem numero de estações pera que os viajantes possam ficar no ponto em que quizerem.

Bom será que assim seja.—A «Epoca» de Madrid, com referencia a noticias de Pariz, diz que um modesto ecclesiastico francez, dedicado aos estudos da chimica e medicina, ter encontrado um remedio effcaz e decidido contra a febre amarella, e que se dirigiu ao commandante de expedição franceza no Mexico para que o experimente nos seus soldados.

Parece que no dia 16 se envieram ao exercito francez os medicamentos e as instrucções dadas pelo referido ecclesiastico, que só espera para se pôr a caminho que no Mexico se foçam as experiencias da sua descoberta.

Terminaram os sinistros da caça.

—Um cavalleiro curioso acaba de fazer uma experiencia que, pelos resultados que produziu, vem inutilisar as armas de fogo nos exercicios venatorios, e dar fim aos repetidos sinistros que victimavam os caçadores.

No penultimo domingo foi o dito sujeito ao pinhal de Escaropin, munido de um instrumento de sua propria invenção, semelhante aos que se empregam no enxertamento das vinhas, e n'um cerrado matagal aonde a caça abunda, começou a rogar o matto com leves porções de chloroformio. Passado minutos volvem aquelle local, e ficou maravilhado vendo estendidas sobre o solo, em estado de completo adormecimento tres lebrés e dois coelhos, que, influenciados pelas propriedades daquelle poderoso anasthesico, se deixaram colher sem darem pela cilada.

O curioso, conhecendo que aquelle systema de caça em nada prejudica a saúde dos animaes, tem repetido a experiencia, e collido os mais vantajosos resultados.

E' provavel que tão notavel descoberta seja seguida pelos caçadores, porque ella tem grandes vantagens sobre o perigoso e incommodo systema das correrias venatorias.

Experiencia util.—Lê-se no «Jornal do Havre»:

«Faz-se actualmente nos caminhos de ferro do meio dia uma experiencia de grande interesse.

Pozeram se em circulação, ha algumas semanas, doze wagons; munidos com o novo systema de freio, de que dizem maravilhas.

Parece que o aparelho, muito simples e de pouco custo, remedia todos os inconvenientes dos antigos freios.

A manobra é de uma felicidade extrema e a

suspensão que produz é quasi instantanea, a ponto de que o signal para parar, que antes se fazia a 800 e 1.000 metros de distancia das estações, se pôde fazer, com os novos freios, sem inconveniente, a 180 ou 200, quando muito.

Quanto desastres se teriam evitado, se ha mais tempo se tivesse achado um tal meio de reprimir a marcha dos trens?

**Invasão.** — Fomos hontem invadidos por uma porção de gafanhotos, não semelhantes mas maiores do que os da praga do Egypto. Seriam por ahí duzentos que armados de paos, foice e chucos, se dispunham a pôr em execução os seus planos bellicos. Ao chegarem ao Alboi ensarilharam armas e fizeram alto; ahí compareceu o sr. administrador do concelho e mais alguns empregados administrativos a quem expozeram as suas razões, se é que alguma tinham.

Foi o caso: Constando á junta parochia da freguezia da Vera-Cruz, que alguns gafanhotos infringindo o 7.º mandamento da lei de Deus, andavam apañando molico em uma praia, propriedade de N. Senhora das Areias, requereu o auxilio de doze soldados, que ali se dirigiram para os prender, o que effectivamente conseguiram; mas chegando a noticia á terra dos gafanhotos, muniram-se os patricios das armas já citadas, e dirigiram-se para as Pyramides, ponto aprazado para roubarem os prisioneiros; ahí uma descarga de pedras chove sobre os soldados que tiveram que largar a preza e deram ás de Villa Diogo. Os gafanhotos vieram então á cidade, como já dissemos, expôr as suas razões, e consta-nos que o sr. administrador mandara prender um ou dous, instigadores da tal invasão.

**Assassinato.** — Em uma propriedade junto á estrada de E. guieira appareceu esta manhã um homem, trabalhador no caminho de ferro, mortalmente ferido na cabeça.

Neste estado lastimoso foi transportado para o hospital da misericórdia d'esta cidade, onde, apenas chegou, falleceu.

**Ignoramos** os promeiros que deram origem a tão grande malificio.

No nosso numero seguinte, e depois de examinar-mos o caso com exactidão, daremos conta aos nossos leitores do que colhermos.

**Desastre.** — Na segunda-feira desabou parte do beiral d'uma casa da rua Larga, e cahindo algumas telhas sobre uma creança que des-cuidada ali andava brincando, fracturou-lhe o craneo, e dizem que não escapará.

## CORREIO

Já estamos cansados de repetir, que ainda continúa na camara dos srs. deputados a discussão da resposta ao discurso da corôa.

Tinhamos dito no nosso numero passado, que na sessão do dia 31 tinha começado a fallar contra o parecer o sr. Casal Ribeiro, e que tinha ficado com a palavra reservada para a sessão seguinte, que foi no dia 3 do corrente.

Effectivamente nesta mesma sessão continuou a ex.ª o seu discurso, que occupou quasi toda a sessão, deixando apenas 10 minutos, nos quaes começou a fallar o sr. ministro da fazenda, que ficou com a palavra reservada para a sessão do dia 4.

O merecimento do discurso do sr. Casal Ribeiro vem hoje avaliado nos jornaes da capital, mas, uma vez mais o repetimos, talvez com paixão, como tem succedido na avaliação de outros discursos.

Dizia-se que acabado o discurso do sr. ministro da fazenda seria a materia julgada discutida e votada; mas o telegramma que abaixo publicamos diz que só o seria no sabbado.

Acreditamos mais no telegramma, porque ha maior desperdicio de tempo.

Os «Diarios de Lisboa» continuam a vir cheios de titulos e mereçõs honorificas, que tem sido concedidas a nacionaes e estrangeiros. Tem sido uma verdadeira inundação, e não terá pouco que contar quem della sahir são o salvo.

Até o correspondente do «Jornal do Porto» diz que tinha sido agraciado com o hábito da Torre e Espada um regedor, de quem se não conheciam outros feitos, além de muitas gentilezas eleitoraes!

Então já o hábito da Torre e Espada do valor, lealdade e merito serve para distinguir servigos eleitoraes?

Se é verdadeiro o telegramma que abaixo transcrevemos fica desmentida a noticia que em um dos nossos numeros passados demos, de que já não seria apresentado o projecto para a supressão dos districtos, nós quando noticiamos isto aos nossos leitores foi por que um amigo nosso nos disse que o tinha visto em uma carta que um deputado escreveu para esta cidade.

Sentimos verdadeiramente que a noticia se não realizasse, mas ainda temos fé que um tal projecto não seja convertido em lei.

Da *Gazeta de Portugal* que hoje recebemos transcrevemos a carta que o nosso amigo o sr. Freitas e Oliveira dirigiu á redacção d'aquelle jornal e da *Revolução de Setembro*.

Recebemos do nosso antigo amigo o sr. J. A. de Freitas e Oliveira a seguinte carta que nos apressamos a publicar:

Sr. redactor

Em o numero 1847 da «Opinião» de 1 de fevereiro lê-se o seguinte:

«Ouvimos que o esboço historico da vida de José Estevão pelo sr. Freitas Oliveira, tiveram por colaboradores os illustres redactores da «Gazeta» e da «Revolução».

«Não sabemos o que haja nisto de verdade. É possível que aquelles cavalheiros, como mais

versados na historia contemporanea, submittissem alguns subsidios ao autor.»

Se o sentimento que inspirou esta insinuação calunniosa não fo-se tão pequenino, não teria eu motivo senão para me julgar muito honrado com ella, e não ambiciono para o meu livro outro elogio. Desde o momento em que um escripto meu podesse ser attribuido em boa fé nos illustres redactores da «Gazeta de Portugal» e da «Revolução de Setembro», julgar-me-hia habilitado a dispensar para elle a critica de muitos litteratos.

Mas não pedi subsidios aos redactores da «Gazeta» e da «Revolução» para escrever a historia contemporanea; se o tivesse feito sei que de melhor vontade me dariam todos os que possuissem; por que aquelles cavalheiros não pertencem a uma certa classe de *humens serios*, que andaram pelas casas de gente honrada e respeitavel, a quem deveram os maiores favores e excessiva deferencia, representando comédias caricatas e inventando calunnias torpes com o fim mesquinho de furtarem á minha confiança papeis e documentos de que carecia para o meu livro.

Conheço sufficientemente a historia contemporanea do meu paiz e sobejamente a dos caracteres publicos com quem José Estevão esteve em relações nos ultimos mezes de sua vida. Nesse assumpto pouco tenho que aprender.

Senti profundamente que a «Opinião» me julgasse capaz de me assignar como autor de um livro que outros escrevessem. Oigo dizer que ha quem o faça e que por isso receba dinheiro; e até me affirmam que ha jornalistas a quem se paga para tomarem a responsabilidade de tudo quanto os ministros escrevem. Não sei se isto é verdade; o que sei, e o que a «Opinião» tambem sabe, é que eu nunca pertencí, nem pertencerei a essa classe de escriptores.

Fique-se portanto sabendo que o meu livro é só meu, que delle tomo inteira e exclusiva responsabilidade para todos os effectos. Não tive colaboradores; se os tivesse, e taes como os que a «Opinião» insinua, publicaria os seus nomes para minha gloria e credito do livro.

Lisboa 2 de fevereiro de 1863.

J. A. de Freitas Oliveira.

«O sr. Freitas e Oliveira não carece de testemunho alheio. No nosso entender o «Esboço Historico» teve só um collaborador, eminente, autorisadissimo, de grande verdade, e de animo tão elevado como o seu talento, mas unico na cooperação para aquelle excellento livro. Foi o sr. José Estevão Coelho de Magalhães, cujos apontamentos e papeis serviram de base ao trabalho comprehendido pelo sr. Freitas e Oliveira.»

## ALCANÇE

TELEGRAPHIA ELECTRICA

Lisboa 5 de fevereiro ás 8h.

da manhã

(Ao Diario Mercantil)

Na camara dos deputados fallou hontem triumphantemente o sr. Lobô d'Avila. Diz-se que no sabbado terminará a discussão da resposta ao discurso da corôa.

O sr. Braamcamp ministro do reino, apresentou tres projectos de lei.

O primeiro sobre o pessoal da administração publica.

O segundo sobre a divisão territorial.

E o terceiro sobre as estradas municipaes.

O da divisão territorial comprehende a autorisção para reduzir os districtos a dez.

O sr. barão da Vargem da Ordem está elevado a visconde.

Diz-se que o sr. Sette será candidato a deputado por Oliveira d'Azemeis.

Na camara dos pares foi hontem apresentado o projecto de resposta ao discurso da corôa.

O sr. Rodrigo de Castro Menezes Pitta, um dos pares ultimamente nomeados, tomou assento.

Madrid 4. — Corre o boato, de que Doblado se suicidara por causa das dissensões com Com-monfort e Juarez.

Puebla fortificada com 200 peças.

A insurreição na Polonia continua.

## ANNUNCIOS

### SEMENTE DE BATATAS DA SAXONIA

Manoel Joaquim Marques, do lugar da Hespineira freguezia da Branca, tem para vender em sua casa, e na praça d'Oliveira d'Azemeis, esta bella semente e mostrando a experiencia que esta qualidade de batatas não só produz de 15 a 20 sementes, mas tambem resiste á molestia, com que costumam ser atacados estes tuberculos preciosos; recommenda-se ao publico.

### FEIRA DE MARÇO NA CIDADE D'AVEIRO

Manoel Antonio de Loureiro Mesquita, como proprietario do abarracamento da Feira de Março, faz saber a todos os

feirantes, que tenham de concorrer á dita feira no corrente anno, que devem até ao dia 1.º de Março dar parte a elle annunciante dos lanços de barracas de que precisam para suas lojas devendo declarar os generos que expozerem á venda para lhe ser destinado a rua a que tenham de pertencer. Não o cumprindo assim, não terão direito a pedir lugar, segundo uma das condições do seu contracto com a camara municipal deste concelho.

João dos Santos Coutinho—Isabel dos Santos, e Maria dos Santos, da Povoação, requerem no juizo de direito da comarca a curadoria dos bens dos ausentes, Thomé dos Santos—Manoel dos Santos, e Antonio dos Santos, e para isso correm editos de 15 dias chamando todas as pessoas que tenham direito aos mesmos bens.—Escrivão Nogueira.

## THEATRO

DOS

### ARTISTAS AVEIRENSES

Domingo 8 de fevereiro

Haverá baile de mascaras. O programma para o mesmo baile, estará patente no referido theatro.

Os bilhetes para a entrada, serão distribuidos na loja do sr. Domingos da Silva Souto na rua dos Mercadores.

## ENCYCLOPEDIA UNIVERSAL

Illustrada com 20,000 gravuras

Editores, A. J. S. Mattos e J. L. Coelho

Bomjardim, 72 — Porto

Sob este titulo, vaé sair á luz, brevemente, uma obra importante, traduzida e coordenada do — *Dictionnaire Français, illustré, et Encyclopédie Universelle*.

Esta nova publicação é muito util a todos. Compõe-se de muitos milhares d'artigos, succintos e completos, ácerca de todos os assumptos

que exigem certos desenvolvimentos. É um immenso repertorio de diversos conhecimentos muito necessarios.

Este livro, só, forma uma rica bibliotheca, que offerece uma leitura tão variada como attractiva. Por conseguinte, pôde ser collocado entre as mãos de todos, porque foi feito para todos.

A *Encyclopedie Universal* será composta em typo novo e impre-sa em bom papel. — Publica-se e haõ 4 cadernetas por mez, in-4.º

Preço: cada caderneta, para o Porto, 50 rs., pagos no acto da entrega. Os srs. assignantes das provincias pagarão, adiantadamente, 12 cadernetas, a 55 rs. cada uma: o pagamento pôde ser feito por meio de vales do correio, e sem que se receba a sua importancia, não se fará remessa alguma. — Annunciar-se-ha a 1.ª caderneta, logo que esteja impres-a.

Assigna-se, no Porto, nas livrarias dos srs. Francisco Gomes da Fonseca, rua do Bomjardim, 72, onde deve ser dirigida a correspondencia, franca de porte, (nos editores); Viuva-Moré, praça de D. Pedro; Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do Almada; e na livraria Popular, largo dos Lays, 44 — em Lisboa, na do sr. Lavado — e em Coimbra, na do sr. José de Mesquita.

N. B. Quem agenciar 10 assignaturas, receberá 1 exemplar gratis.

## A VOZ DA MOCIDADE

Edictor principal

### D. M. GONÇALVES

Vamos empregar a publicação d'um jornal litterario com este titulo: o nosso fim é pugnar pelos interesses da classe estudiosa e, ao mesmo tempo, proporcionar-lhe um meio, ainda que pequeno, de dar ao publico suas produções litterarias.

Ninguem ignora que uma das primeiras necessidades sociais é a luz, e que, por consequencia, a classe estudiosa merece seria attenção; esperamos pois que o publico nos protegerá nesta espinhosa tarefa.

Publicar-se-ha nas terças, quintas e sabbados e cada numero conterá, alem da parte litteraria, uma chronica e um noticiario.

PREÇOS

LISBOA	PROVINCIAS
Anno..... 2800	Anno..... 3580
Semestre..... 1500	Semestre..... 1890
Trimestre..... 800	Trimestre..... 925
Avulso 30 réis	

Assigna-se na loja do sr. Pereira, rua Augusta n.º 50 e 52; e no escriptorio da redacção, travessa de Santo Amaro n.º 28 1.º andar.

## O PORVIR DAS FAMILIAS

### COMPANHIA GERAL DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Director geral o exm.º D. R. L. de Tujada, e adjunto D. Miguel de Orive.

Grande caixa d'economias, estabelecida em Madrid

AO ALCANCE DE TODOS, PARA QUEM É UM VERDADEIRO

### MONTEPIO

Variam os resultados conforme as idades dos segurados, e conforme as quantias porque tiverem subscripto e o tempo que houver decorrido

Fazem-se as subscrições por 1, 2, 3, 4 ou 5 quinquennios, ou periodos de cinco annos

UMA ENTRADA ANNUAL DE CERCA DE 48\$000 PÓDE DAR de réis 17:000\$000 a réis 25:000\$000 em 25 annos

De todas as companhias d'esta especie, nenhuma é mais solidamente garantida. MIL E QUINHENTOS CONTOS FORTES respondem pela fidelidade da gerencia. Todas as entradas em dinheiro são convertidas em titulos da divida publica, tornados inalienaveis e depositados no Banco. Prova-se a confiança publica pela entrada constante de 8 a 10 mil socios por anno. Tendo 45,050 em dezembro de 1859, contava 74,000 em julho de 1862. Sua administração está ao cargo da

## UNIÃO

### COMPANHIA GERAL DE SEGUROS CONTRA INCENDIO

DE VIDAS, MARITIMOS E FLUVIAES

Capital 1,600:000 pesos

Esta grande companhia estabelecida sobre as mais solidas bases, offerece todas as garantias apeteciveis. Os premios são moderadissimos, e muito inferiores aos de companhias existentes. Segura EM TODA A PARTE DE PORTUGAL—predios moveis e generos, ainda quando o fogo resulte do raio. Tambem toma o risco da illuminação a gaz, com leve augmento do premio. O premio é pago adiantado. Pagando-se logo cinco annos, o sexto é gratuito. Os sinistros são liquidados prontamente pagos em Portugal, nas agencias principaes em que se fizesse o seguro, a dinheiro de contado. Os premios de fogo d'esta companhia subiam já em 1861 á enorme cifra de réis 184:500\$000!

Esta companhia tambem contrata de pensões vitalicias, seguros para o caso de morte, seguros para livrar do recrutamento, etc. etc. Nas sub-direções e agencias dão-se esclarecimentos.

Correspondente em Aveiro, Agostinho Duarte Pinheiro e Silva.

RESPONSÁVEL:—M. C. da Silveira Pimentel.—Typ. do Districto de Aveiro.